

Círculo Vicioso

Bárbara "Akyra" Rocha

As palavras são símbolos de algo que foi perdido. As palavras lembram do que não se tem mais. Mas as palavras são tudo o que se tem, tudo o que se pode exprimir, extrojetar. Então, tudo o que se tem são ruínas, restos do que foi perdido. Essa angústia perdurará para o resto da vida. E ninguém nunca está preparado.

Aquela ferida nunca vai cicatrizar totalmente. Sempre tem um momento onde alguma coisa vai rasgar tudo de novo, sangrar tudo de novo. E não tem sentido nenhum. Simplesmente acontece. Tudo intrincado entre si. Tudo sangrando.

O ideal é o equilíbrio. Nem prazer nem dor em excesso. Qualquer pequena agitação estraga toda a harmonia, toda a homogeneidade forçada. Um retorno ao zero, à menor quantidade possível.

Busca-se a vida por instinto. Mas vida é sinônimo de dinamismo. E o dinamismo é indesejável. Então busca-se a morte, que é o vazio perfeito. Não há dor para os mortos. Não há nada para os mortos. A morte é o verdadeiro nirvana. A morte é a perfeição.

A merda acontece porque não se sabe de onde ela veio e para que ela serve. As coisas melhoram quando tudo se revela. Mas não se quer saber. Aquilo tudo já foi doloroso demais, e não estava pronto para lidar. É preferível deixar todas aquelas lembranças terríveis enterradas no fundo da mente que (quase) não vem à tona.

A saída é não querer nada. Não buscar nada e, assim, não sofrer com os abalos que o dinamismo causa. Não lembrar, não procurar, não realizar.

A angústia perdura porque existe um conflito. A busca, concomitante, da vida e da morte.

"Onde eu estou a morte não está; onde a morte está eu não estou." Não é possível conciliar. Isso é eterno.

As palavras são lembranças do que foi perdido. Mas as palavras são o instrumento de que se dispõe para elaborar a angústia, o luto. Assim, tudo permanece.

Sem fim, sem começo.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/circulo-vicioso-1>